

# A LEITURA COMO DESPERTADOR DO SER

Alcidesio Oliveira da Silva Junior

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. 3ª Edição. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Se existe um livro que é uma verdadeira ode ao ato de ler, este chama-se *Sobre a leitura*, do escritor francês Marcel Proust. O texto que foi primeiramente concebido como um prefácio para a obra *Sésame et les Lys*, de John Ruskin, e depois publicado de maneira autônoma, traz para a superfície do entendimento humano singularidades, ao mesmo tempo belas e profundas, percebidas pelo autor no momento em que se debruça sobre os seus livros, desde a infância, até chegar a sua análise do próprio livro, o qual fora destinado como prefácio.

Sem dúvida, não é um livro endereçado aos leitores programados, àqueles que só enxergam aquilo que os olhos podem decodificar, nem sintonizam a sua alma nas sutilezas escondidas para além do que as imagens acústicas, as palavras, revelam. Não é um livro fácil para quem, ao contrário de Proust, não dedicou horas, dias, tempos e tempos, de seus momentos gratuitos para o vislumbre de uma leitura apaixonada e, muitas vezes, alimentada pelo não entendimento daqueles que jamais mergulharam no rio das palavras. Viagem esta sem volta.

Durante a narrativa de sua infância, o autor, em descrições especialmente devotadas na tentativa de fazer o leitor visualizar o decorrer do seu fluxo de pensamento, revela a preciosidade que o ato da leitura acarretava para nele. O livro já começa lançando as sementes que germinarão no decorrer das próximas páginas, quando o escritor relata que “talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido” (PROUST, 2001, p.9).

As palavras seguintes chegam a aquecer o coração, pois Proust faz uma bela associação da leitura com momentos especiais em sua vida. Aqueles em que a ansiedade de reabrir o livro e continuar a história que já estava viva dentro de si tornavam eternos os jantares com a família quando ele estava desejoso de recomeçar a jornada de leitura ou pareciam vivificá-lo ao ponto de se lançar madrugada adentro em meio aos últimos

capítulos de um livro, o que lhe custaria uma punição, caso fosse pego pelos seus pais neste flagrante literário.

E o que dizer da orfandade causada pelos personagens que não mais existiriam no papel, assim que acabada a história? Que crueldade! Momentos consoladores, lúdicos, emocionantes, aventureiros, que o leitor vive com estes seres da imaginação de outros, e que se necessita por uma questão do mais puro afeto e ternura, reavivá-los em seu próprio mundo interior, regando-os como em um jardim de cores, sons e palavras onde somente aquela pessoa pode compartilhar consigo. Serão risos, suspiros e lágrimas que, talvez, ninguém ousará entender, mas a história continua viva. Ali dentro. Pura questão de sobrevivência.

Esta relação do leitor com o livro (seus mundos, histórias e personagens) é poetizada por Proust como uma amizade a mais pura possível. Nela não há interesses, capas ou fingimentos. Quando se é engraçado, ri-se. Quando não, cabe ao momento o que nenhuma convenção social determina. Pode-se viver com plenitude qualquer sentimento natural à alma humana. “Com os livros, não há amabilidade” (Ibidem, p. 42), a cobrança da outra parte não existe e segue-se a vida em despreendimento do que é pra ser jogado de lado.

Em *Sobre a leitura*, o autor, de maneira sutil, confronta a ideia de Ruskin explanada com base em Descartes, que diz: “a leitura de todos os bons livros é como uma conversação com as pessoas mais honestas dos séculos passados e que foram seus autores” (Ibidem, p. 26). Para Proust, a questão vai além disto, pois a leitura não é simplesmente uma conversação, mas um ato de recebimento da comunicação com outras pessoas, outros autores, e de maneira solitária. No ato da leitura, as palavras se movem no interior do leitor de maneira muito mais profunda que uma simples conversação, ainda que seja com homens extremamente sábios. A solidão e o silêncio tornam o momento um desfrute sem precedentes. Uma fecundação misteriosa.

Quanto a isto, Proust também parte para outra concepção, pois entende que esta conversação com “homens muito mais sábios” (Ibidem, p. 27) pressupõe uma verdade acabada e transmitida, quando, no entanto, o alimento do espírito é a reflexão e não a assimilação de conclusões alheias. De outras mentes, de outras vivências. O mergulho tem que ser individual. A passividade não é encarada como crescimento, e uma verdade (ou algumas verdades) precisa brotar a partir da leitura de um livro e não cair já pronta da copa de uma árvore, mesmo que tenha vindo de “homens muito mais sábios” (Ibidem, p. 27). O subjetivismo é totalmente permitido, para o escritor.

Proust, ao contrário de Ruskin, ressalta em certo momento que a leitura “está no limiar da vida espiritual” (Ibidem, p. 32). Ou seja, ela introduz o leitor a esta, mas não a constitui. É como uma chave que desperta o ser e que desperta o homem e a mulher para o mundo. Por isto, não são poucas as vezes em que este leitor, depois de um mergulho nas palavras inspiradas de um livro, passa a ver o mundo com mais sentido, mais cor, mais certezas e, até mesmo, com mais dúvidas. Sim, as dúvidas

emergem e balançam as estruturas que eram inabaláveis. O crescimento também comporta as dúvidas...

A noção de que não se está só no mundo também é fundamental na construção do sujeito no espaço. Quantas vezes há uma identificação tão estreita com os personagens de uma história, beirando a uma humanidade que falta saltar daquelas páginas, que chega a ativar elementos e forças propulsoras ainda não percebidas. Somente estas podem tirar o ser da sua inércia em direção à construção de suas próprias verdades e entendimentos, muitas vezes intransferíveis.

É salutar o papel dos escritores como ativadores destes desejos e como responsáveis, através de sua obra, de fornecer questionamentos e não conclusões. O que isto quer dizer de fato? O ponto não é lançar o leitor em trevas cada vez mais densas, mas proporcionar a revelação da alma humana. A arte não diz, ela revela. A arte não é um prato de *fast-food* padronizado e feito igual para todos. A arte ilumina o ser para que ele chegue a vislumbrar o que está ao seu redor e a entender este universo a qual está inserido.

Esta insatisfação que vem ao finalizar a leitura de uma obra é o começo da própria continuidade do saber. “O supremo esforço do escritor como artista não consegue senão erguer parcialmente para nós o véu da feiura e da insignificância que nos deixa negligentes diante do universo” (Ibidem, p. 32), com estas palavras Proust rebate Ruskin, declarando a insuficiência da leitura e o seu papel, anteriormente esclarecido, de chave iniciadora que produz o autoconhecimento.

Com isto, a leitura é entendida muito além de apenas um entretenimento pueril, mas reveladora dos sentimentos mais profundos do ser humano, que podem brotar e fluir como águas correntes. Ela traz lembranças do passado, que são os alicerces da morada interior, lança luz em caminhos outrora ocultos na alma e apontam para novas perspectivas. Além disto, é capaz de levar o leitor a mundos inimagináveis sem dar um passo, fazendo-os alçar voos, mesmo em meio aos mais desumanos limites.

### **Alcidesio Oliveira da Silva Junior**

Nasceu em Recife, PE. Atualmente, é estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco e da especialização em Educação Infantil do SENAC/SP. Contato: ateneu7@gmail.com